MÃES UNIVERSITÁRIAS: uma pesquisa etnográfica

Larissa da Conceição Barradas[1]

Pamela Mariane da Gama Melo[2]

Rubia Suzane Antunes dos Santos[3]

RESUMO

Nesta pesquisa buscou-se compreender historicamente os desafios e as perspectivas para as mães que são universitárias, fomentando o debate crítico acerca da construção romântica de maternidade e falta de políticas públicas na universidade para acolher as mães e seus filhos/as. A pesquisa etnográfica, realizada no segundo semestre de 2019, baseou-se em dados coletados por meio de conversas registradas em diário de campo com quatro mães universitárias, e com diferentes setores pertencentes a Universidade do Estado do Pará – UEPA.

Palavras-chave: Gênero; Universidade; Maternidade.

ABSTRACT

This research sought to historically understand the challenges and perspectives for mothers who are university students, fostering critical debate about the romantic construction of motherhood and the lack of public policies at the university to welcome mothers and their children. The ethnographic research, carried out in the second half of 2019, was based on data collected through conversations recorded in a field diary with four university mothers, and with different sectors belonging to the University of the State of Pará – UEPA.

Keywords: Gender; University; Maternity.

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa buscou-se compreender historicamente os desafios e as perspectivas para as mães que são universitárias, fomentando o debate crítico acerca

[1] Universidade do Estado do Pará; Graduanda de Licenciatura Plena em Ciências Sociais; larissa.barradas@aluno.uepa.br
[2] Universidade do Estado do Pará; Graduanda de Licenciatura Plena em Ciências Sociais; pamela.melo@aluno.uepa.br
[3] Universidade do Estado do Pará; Graduanda de Licenciatura Plena em Ciências Sociais; rubia.santos@aluno.uepa.br

da construção romântica de maternidade e falta de políticas públicas na universidade para acolher as mães e seus filhos/as. A pesquisa etnográfica, realizada no segundo semestre de 2019, baseou-se em dados coletados por meio de conversas registradas em diário de campo com quatro mães universitárias, e com diferentes setores pertencentes a Universidade do Estado do Pará - UEPA, a gestão atual da coordenação do curso de Pedagogia do Centro de Ciências Sociais e Educação – CCSE campus I e o Diretório Central dos Estudantes – DCE UEPA, do qual uma das mães faz parte.

Esta pesquisa está dividida em um tópico e três sub tópicos. As principais categorias analisadas foram gênero, universidade e maternidade discutidas pelas autoras: Santos (2010); Chaui (2003), e Cordeiro (2013), respectivamente.

No primeiro tópico serão analisadas as condições históricas das mulheres e os desafios de acesso à educação, e à universidade. No primeiro sub tópico começaremos com o relato das mães, analisando aspectos do passado e do presente, levando em consideração as diferentes conjunturas vivenciadas por elas. No segundo sub tópico serão analisados o relato das mães com relação ao acesso à políticas que garantam sua permanência na universidade, e também o relato institucional da UEPA, por meio da coordenação atual do curso de Pedagogia do CCSE campus I. No terceiro sub tópico trará o relato da discente, que é mãe, universitária e membro do DCE UEPA, destacando a vivência dela e os posicionamentos e lutas do DCE UEPA acerca do assunto.

2 MÃES UNIVERSITÁRIAS: CONDIÇÕES HISTÓRICAS E DESAFIOS

Os processos de dominação sobre a mulher continuam se construindo socialmente, se transformando e se fortalecendo ao longo da história. Às mulheres foram relegadas atribuições marcadas nas diferenças de gênero, como a maternidade e trabalhos domésticos, fora do âmbito público, destinado aos homens. Segundo Santos (2010), os trabalhos domésticos e de maternidade realizados pelas mulheres são historicamente desvalorizados:

> Os trabalhos da maternidade realizados, há muitos séculos pelas mulheres, também são desconsiderados, cuja contribuição nunca é valorizada, visto que atividades domésticas como: preparo de alimentos, cuidado com saúde, higiene do corpo, limpeza do ambiente doméstico, zelo com a família representam responsabilidade praticamente exclusiva das mulheres na maioria das sociedades. A divisão, que é socialmente construída, segrega atividades entre homens e mulheres e atribui um menor valor ao trabalho realizado pelas mulheres. (SANTOS, 2010, p. 223).

Por ser relegado às mulheres o âmbito privado da vida e das relações sociais, as dificuldades no acesso à educação também são evidentes. Isto ocorre pois não seria esperado da mulher que frequentasse ambientes acadêmicos, situados no espaço público, local conferido aos homens. É imposto que as mulheres que estudam tenham uma tripla jornada, se dividindo entre ser mãe, trabalhadoras (dentro e fora de casa) e em últimos casos, estudantes, as vezes não conseguindo conciliar a vida acadêmica com a maternidade.

Segundo Chaui (2003) a universidade é uma instituição social e revela de maneira determinada a estrutura e a forma de desempenho da sociedade em sua totalidade. Como exemplo é possível perceber que no interior da instituição universitária existem opiniões, atitudes e projetos diferentes que se caracterizam nas divisões, contradições e conflitos da sociedade. Também é possível perceber a universidade como um espaço plural, que foi sendo conquistado historicamente por meio de muitas lutas realizadas por mulheres, negras e negros, pessoas com deficiência, pessoas das periferias, indígenas, quilombolas, LGBTQIA+, dentre outros.

A luta das mulheres por acesso à educação no Brasil vem se construindo desde o século XX, no qual as mulheres vieram conquistando um espaço crescente, primeiro na luta pelo acesso à escola, como processo fundamental de letramento que levou anos para ser instituído, e depois o ingresso de mulheres nas universidades. Mesmo com a ascensão das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho, continuam sendo delegadas a elas os espaços domésticos e uma posição de dominação e subordinação em relação aos homens. Segundo Saffioti (1978):

> A escolarização de nível superior, incorporada pelos estratos sociais médios, como requisito para a ascensão social do homem, não constitui, porém, uma exigência para a formação intelectual da mulher, na medida em que esta se liga a uma possível carreira. A perspectiva do casamento, valor social superior à carreira profissional, e o namoro precoce operam como fatores

> limitativos da qualificação da força de trabalho feminina, de um lado, em virtude do fato de casamento e carreira serem frequentemente pensados como incompatíveis e, de outro, por causa do papel subsidiário desempenhado pelo trabalho feminino em relação ao do chefe da família (SAFFIOTI, 1978, p. 128).

Para as mulheres que são mães e querem acessar a universidade, ou que são mães durante a estada na universidade, são diversas as dificuldades de permanência na vida acadêmica e conciliação com a maternidade. Na tentativa de compreender como esses processos histórico-sociais se expressam na realidade, realizamos pesquisa etnográfica com duas estudantes universitárias e mães, sendo estas atualmente discentes da UEPA e com uma pedagoga, formada pela extinta Universidade Vale do Acaraí - UVA, que em sua época de universitária passou pela experiência da maternidade que serão trabalhadas no sub tópicos a seguir.

1.1 O relato das mães

Conversamos com três universitárias e mães, sendo uma que foi universitária e duas que são universitárias. Para nos referirmos a elas, usaremos como pseudônimos o primeiro nome de três mulheres negras cientistas brasileiras: *Nilma* Lino Gomes, *Zélia* Amador de Deus, e *Lélia* Gonzalez, respectivamente, pois as mães, sujeitas da pesquisa neste primeiro momento também são mulheres negras.

Nilma tem 52 (cinquenta e dois) anos, quando iniciou o curso de pedagogia na UVA tinha 39 (trinta e nove) anos e era mãe de três filhos (na época as crianças tinham oito e seis anos) e já trabalhava em uma creche municipal. *Nilma* relata que não encontrou grandes dificuldades em criar a/os filha/os, pois trabalhava pela manhã e cursava pedagogia pela tarde, porém, apesar de não ser tão difícil foi muito cansativo conciliar essa jornada. *Nilma* saia pela manhã e deixava sua/seus filha/os para “cuidar dos filhos dos outros” (Sic), e posteriormente ia aprimorar seus conhecimentos no curso de pedagogia. Ao chegar em casa ainda cuidava de sua/seus filha/os, verificava as atividades escolares, arrumava as mochilas das crianças e depois desse longo dia ainda ia estudar. Ela diz que nunca precisou levar sua/seus filha/os ao seu curso, pois já trabalhava e seu marido também, e juntos conseguiam pagar uma pessoa para ficar

com as crianças, relatando que a única vez que as levou foi para participarem de um projeto desenvolvido por ela e sua equipe relacionada ao desenvolvimento de brincadeiras.

Zélia tem 22 (vinte e dois) anos, é discente do 3º semestre matutino de pedagogia do CCSE campus I da UEPA. Tem uma filha de 1 (um) ano e 4 (quatro) meses, e atualmente está gravida de 7 (sete) meses de um menino. *Zélia* relatou que quando passou no vestibular estava grávida, fez sua matricula e começou a estudar no segundo semestre do curso de pedagogia, em que as aulas começaram em setembro de 2018. Ela levava sua filha com apenas 4 meses para a UEPA, pois ainda não tinha com quem deixar. No ano de 2019 começou a deixar sua filha com sua mãe, que toma conta dela enquanto ela está na universidade. *Zélia* também relatou que nunca teve problemas com a sua turma ou com professoras/es, e mesmo quando sua filha começou a andar e falar, e por ela ser “agitada” (Sic), nunca atrapalhou as aulas e o aprendizado dela. *Zélia* comentou que há uma “romantização” (Sic) com relação as mães que estudam na UEPA, pois são vistas como “guerreiras”, “heroínas” por levarem suas/seus filhas/os para a universidade, não somente por parte das/os discentes do campus, mas por parte da coordenação, servidoras/es e afins. *Zélia* expressou a dificuldade que será daqui em diante criar mais uma criança e conciliar com os estudos, mas ela não pretender deixar a universidade. Seu parto está marcado para janeiro de 2020, nas férias, e ao retornar as aulas, ela passará a levar sua filha diariamente e deixar o seu filho com a sua mãe, pois sua mãe não pode ficar com as duas crianças ao mesmo tempo. Ela também falou das dificuldades financeiras para criar duas crianças, e a partir de janeiro as despesas ficarão maiores, e falou da dificuldade de arrumar estágio, pois tem uma filha e também está gravida. Ela está tentando uma vaga de estágio numa creche, onde sua filha irá ficar ao mesmo tempo em que ela estagiará, mas até o momento essa vaga não está certa.

Lélia tem 21 (vinte e um) anos, é discente do 6° semestre vespertino do curso de letras do CCSE campus I da UEPA. Tem uma filha de 3 (três) anos. Quando ela passou no vestibular, sua filha estava com apenas 1 (um) mês e por conta disso não pode cursar o 1° semestre do curso, a coordenação informou que ela não poderia trancar o curso e ela foi reprovada neste semestre. Antes de tudo acontecer, em seus

planos, ela pretendia levar a filha para a universidade, mas quando as aulas começaram não foi fácil e ela decidiu ficar em casa para cuidá-la. No segundo semestre, a discente retornou as aulas e deixava sua filha com o seu marido que também estuda na UEPA, no turno da noite e pode ficar com a filha no período da tarde. Ela também relatou a respeito da dificuldade de locomoção que encontra quando vai para a universidade e precisa levar a filha, pois a parada é longe e precisa caminhar com a criança, o que torna tudo mais cansativo. Ela também relatou que a turma dela é tranquila com relação a levar a criança para a aula, mas tem professoras/es que não gostam que levem crianças, pois atrapalham e fazem barulho. Quando tem que levar sua filha, ela avisa previamente a/o professor/a, e se ela/e não concordar ela tem que faltar aula.

É possível perceber aspectos em comum na fala das universitárias, como a entrada delas na universidade em que já estavam grávidas, ou com filhas/os, bem como a dificuldade em conciliar estudos e maternidade, pois permeia outros fatores como locomoção, a parte financeira, o bem-estar das crianças, não ter com quem deixar, cuidar das crianças e estudar, fazer tarefas domésticas, dentre outros. Além da consciência delas de que esse processo é árduo, socialmente construído e romantizado, fica nítido que os processos vivenciados por *Nilma* no passado são semelhantes aos processos vivenciados hoje por *Zélia* e *Lélia*, confirmando o que foi descrito anteriormente.

Também é possível perceber as diferentes vivências das universitárias que são mães apesar dos semelhantes processos que viveram ou vivenciam, como a dificuldade que foi em trabalhar, estudar e cuidar das crianças, como foi relatado por *Nilma*, que apesar de ser estável e ter trabalho para pagar alguém que ficasse com sua/seus filha/os, foi um processo cansativo; a dificuldade em estudar, ser mãe, estar grávida, e das dificuldades financeiras em sustentar dois filhos sem estar trabalhando como foi relatado por *Zélia*; ou da dificuldade de conciliar estudos e maternidade, se tornando um processo cansativo tanto para a mãe quanto para filha que é levada constantemente a universidade como relatou *Lélia*.

Sobre esse assunto, Silvestre (2019) afirma que a entrada na vida acadêmica exige dedicação das/os que dela fazem parte, portanto sendo bastante difícil

empenhar-se exclusivamente a dois processos ao mesmo tempo, o que para as mulheres que são estudantes universitárias e mães se torna muito desgastante, já que para estas as demandas exigidas pela maternidade não podem ser desconsideradas.

Por isso, a luta das mulheres, principalmente das universitárias que são mães, persiste no sentido de garantia de direitos a elas e suas/seus filhas/os por meio das representações estudantis como o DCE UEPA, que tem como membro uma universitária e mãe que pretender realizar um projeto para as outras universitárias e mães da UEPA, como será tratado no sub tópico a seguir.

1.2 O DCE da UEPA

Neste sub tópico traremos o relato da universitária de 21 (vinte e um) anos, concluinte do curso de Licenciatura em Educação Física do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde – CCBS campus III, representante da atual gestão do DCE UEPA, e mãe de um filho de 2 (dois) anos e 6 (seis) meses. Para nos referirmos a ela, usaremos como pseudônimo o primeiro nome da antropóloga brasileira *Mariza* Peirano.

Mariza nos relatou sua vivência enquanto universitária e mãe dizendo que engravidou durante o curso, ia para a universidade grávida, assistia as aulas e participava das atividades, no entanto, enfrentou dificuldades no seu oitavo mês de gravidez, pois teve um problema nos ossos e foi aconselhada pelo seu médico a tirar licença da universidade. *Mariza* deu entrada nos trâmites legais para receber atendimento domiciliar, no entanto, foi reprovada em duas disciplinas, fisiologia e psicologia, pois os professores não concordaram em passar provas e trabalhos para que ela fizesse em casa. *Mariza* relata que teve ajuda de duas servidoras da UEPA para a procurar os professores e relatar a situação. Ao mesmo tempo que enfrentou dificuldades na universidade, teve problemas com sua mãe, que adquiriu depressão e ansiedade nesse período, e o pai da criança a abandonou depois do parto. Após 23 (vinte e três) dias do parto, que foi uma cesariana, *Mariza* foi obrigada a ir à universidade fazer prova de fisiologia, pois o professor não concordou em passa-la por e-mail para ser feita em casa; ela teve que levar seu filho e sua mãe ficou com o

recém-nascido na lanchonete enquanto ela realizava a prova; por ter seu direito violado, *Mariza* pensou em acionar juridicamente o professor, mas desistiu, pois ele é muito influente na UEPA e teve receio de se expor e ser prejudicada ainda mais. *Mariza* passou a levar seu filho com três meses diariamente para a universidade, levava para a sala de aula, trocava ele nos bancos de madeira do campus, pois os banheiros não tinham suporte para trocá-lo. Relata ainda que não teve muito apoio do Centro Acadêmico de Educação Física - CASEFI, pois na época a gestão era uma atlética e não era voltada para pautas político estudantis. Por ter reprovado em duas disciplinas, *Mariza* tentou e lutou muito para dar conta do seu semestre e das duas disciplinas pendentes, sendo que ela tinha que vir dois turnos para a UEPA, sendo dois dias a noite, tendo que levar seu filho em todas as aulas. *Mariza* disse que teve apoio de alguns colegas de turma, e alguns professores foram receptivos quanto a levar seu filho para a aula, mas mesmo assim ela teve que desistir do semestre, pois não tinha com quem deixar seu filho, e ficava muito cansativo para ela e seu filho irem todos os dias para a universidade, sendo que em dois dias da semana eram em dois turnos, um a noite, o que se tornava perigoso também, pois ela reside em outro município, Ananindeua – Pa. No outro semestre, *Mariza* retornou aos estudos e passou a deixar seu filho com a sua mãe, o que segundo ela é muito complicado, pois sua mãe estava adoecida psicologicamente, estava em tratamento, mas tinha receio de sobrecarrega-la. Ela passou para a turma da noite, e quando não pode deixa-lo com sua mãe ela o leva para a universidade.

Sobre a gestão do CASEFI, *Mariza* disse que houve uma mudança, e agora a nova gestão é politizada e a recebe com seu filho por lá. O CCBS campus III tem uma brinquedoteca, assim como o CCSE, porém não é utilizada para receber as/os filhas/os das estudantes, um problema também enfrentado no CCSE.

Mariza relata que enquanto mãe universitária e membro do DCE UEPA, tem um projeto para implantar um espaço, ou até mesmo na brinquedoteca, que acolha as/os filhas/os enquanto as mães estão estudando. Além de espaços para que possam trocar as crianças nos banheiros, ou até mesmo a implantação de uma creche. No momento ela não pode estar escrevendo o projeto pois está em período de conclusão do seu curso. Mas pretende começar o projeto em breve. As dificuldades

em realizar o projeto estão na disponibilidade de orçamento para sua realização, pois a UEPA não disponibiliza os dados no portal da transparência, além de despertar o senso político dos/as estudantes da UEPA para a pauta das mães universitárias enquanto uma luta coletiva.

Concordamos com Mariza, que a luta e resistência das universitárias que são mães não são lutas individualizadas, mas lutas coletivas, que diz respeito a todo corpo estudantil, a universidade e suas representações. Além disso, o projeto deve ser materializado, e apesar das dificuldades não pode ser deixado de lado. Mas para isso é necessário a conscientização das/os estudantes, da universidade como um todo sobre a situação concreta das universitárias que são mães. Para isso o DCE UEPA deve levantar e discutir essas questões com o corpo estudantil a fim de que haja uma conscientização e participação em massa acerca da pauta das universitárias que são mães dentre outras, e essa participação deve ser real, com o relata Dallari (1985):

> Participação real é aquela que influi de algum modo nas decisões políticas fundamentais. Isso não quer dizer que a participação política só é rela quando leva imediatamente à obtenção de todo resultado desejado. Os interesses particulares dos indivíduos e dos grupos participantes podem ser conflitantes, como também podem ser divergentes as concepções de bem comum. Isso obriga a atitude de conciliação e muitas vezes só permite avanços gradativos no sentido de algum objetivo político (DALLARI, 1985, p. 92)

A necessidade da utilização da brinquedoteca da UEPA, tanto do CCBS campus III quanto do CCSE campus I é urgente enquanto espaço que atenda a demanda das universitárias que são mães. É perceptível no discurso institucional que há uma não prioridade em atender as universitárias que são mães, jogando única e exclusivamente a responsabilidade para elas. Ainda há o discurso da ajuda, da compaixão com relação a essas universitárias e mães, como se fossem guerreiras e devessem carregar o peso dessa palavra (e carregam) no seu dia a dia e não o discurso da luta para garantir o direito delas de permanecer na universidade. Esse assunto será discutido no sub tópico a seguir.

1.2 A brinquedoteca

Na conversa com as universitárias e a pedagoga pesquisadas, perguntamos sobre o suporte de creches e/ou espaços que acolham as crianças enquanto as mães estudam e todas elas ressaltaram da importância de ter sim um espaço para deixar as crianças e não necessariamente uma creche, mas até mesmo a brinquedoteca já existente na UEPA.

Nilma ratifica a importância em especial para os campi da interiorização em que, segundo ela, já é difícil acessar recursos na capital, quem dirá na interiorização. *Nilma* ressaltou a necessidade de espaços para as/os filhas/os das universitárias que são mães e que as/os próprias/os estudantes de pedagogia poderiam ser monitoras/es, não na questão de cuidadoras/es, mas com atividades lúdicas para entretenimento das crianças. Ela exemplifica com a biblioteca da escola onde ela trabalha, em que as/os estudantes de melhor rendimento da escola auxiliam a coordenadora da biblioteca no projeto de incentivo à leitura no contra turno do seu horário de aula.

Zélia reclamou sobre a acessibilidade do campus CCSE da UEPA, tanto para ela que está grávida, quanto para as pessoas com deficiência que estudam na UEPA. Ela também falou sobre a utilidade da brinquedoteca, pois quando entrou na universidade a brinquedoteca não era conhecida, e ela e sua filha nunca fizeram uso desse espaço. Segundo *Zélia*, a brinquedoteca poderia ser utilizada sim para acolher as crianças das universitárias que são mães, não enquanto creche, mas como um espaço didático, para realizar oficinas, e para entreter as crianças.

Lélia falou a respeito da brinquedoteca que não é utilizada para deixar as/os filhas/os das universitárias e a coordenação nunca se posicionou em relação ao espaço. Ela até relatou a história de uma amiga que engravidou e precisou trocar de turno quando o bebê nasceu, pois não tinha com quem deixar a criança quando ia para as aulas, a coordenação informou que não podia usar a brinquedoteca para deixar a criança lá porque não tinha pessoas capacitadas para cuidar dela. *Lélia* também falou da necessidade que a UEPA tem de ter um espaço para os/as filhos/filhas das universitárias ficarem enquanto elas estão em aula, até mesmo para as crianças ficarem estudando como forma de distração e também aprendizado. Ela

disse que já viu várias crianças na faixa etária de mais ou menos três anos nos corredores da universidade, que poderiam estar lá estudando enquanto as mães estavam em aula. *Lélia* confessou que já até pensou em desistir do curso quando sua filha esteve doente, pois não tinha alguém para cuidar da criança quando ela precisava ir para a aula. Ela chegou a estagiar, mas não continuou porque precisava cuidar de sua filha e não queria se tornar ausente no trabalho. Segundo *Lélia*, o momento mais difícil foi quando amamentava e ela precisava sair da sala de aula correndo para chegar na sua casa e amamenta-la, e algumas vezes precisou fazer trabalhos da universidade amamentando a filha no colo.

No que diz respeito ao posicionamento da coordenação do curso de Pedagogia do CCSE Campus I – Belém, a atual coordenadora começou relatando que assumiu a gestão da coordenação de curso em 2018.2, neste período a brinquedoteca encontrava-se fechada, e antes era usada como sala de aula. Vendo a situação, ela juntamente de uma professora do curso de pedagogia e uma discente do curso de pedagogia tentaram reabrir a brinquedoteca, organizando o espaço, limpando, no entanto, perceberam que somente elas três não conseguiriam dar conta de todo o trabalho. Em 2019.1 conseguiram duas bolsistas de pedagogia, onde organizaram o espaço da brinquedoteca, fizeram levantamento dos materiais que faltavam, elaboraram oficinas de formação que foram ministradas no espaço da brinquedoteca, inicialmente com os/as discentes de pedagogia, e estas/es discentes, posteriormente, levaram as oficinas para dentro das escolas com Ensino de Jovens e Adultos – EJA em que estagiavam. Ao ser indagada do objetivo da brinquedoteca, a coordenadora enfatizou que este espaço é voltado como laboratório das atividades, realização de oficinas do curso de pedagogia e outros cursos da UEPA, que esta informação foi passada na última reunião do Conselho de Centro da UEPA – CONCEN para todos os cursos, inclusive Ciências Sociais. A brinquedoteca possui uma agenda de funcionamento, de segunda a quinta, pela manhã e tarde. A coordenadora ressaltou da importância da brinquedoteca e das atividades realizadas lá. Quando indagada acerca da situação das universitárias que são mães, ela relata que a situação é urgente e preocupante, pois as mães de pedagogia, quando não tem com quem deixar seus filhos/as, levam para a universidade, cheias de coisas, carrinho de bebê,

mamadeiras, fraudas, e as crianças assistem aulas com as mães e as vezes ficam estressadas, pois não tem como dormir ou brincar, e uma mãe uma vez utilizou espaço da brinquedoteca para ficar com seu filho antes da aula começar, para que ele pudesse brincar um pouco, mas foi uma situação isolada, esse tipo de situação não é recorrente. Relata que as mães são amparadas pelo regimento da UEPA, após o parto, onde tem um tempo que são cobertas legalmente, tendo conteúdos e trabalhos enviados por e-mail, sendo que para receber tal direito devem protocolar previamente vários documentos. Ela ressaltou que a criação de uma creche dentro do CCSE seria ideal para atender essas mães que vem para universidade com seus filhos/as, pois teria o espaço adequado, com banheiro, local para dormir, brinquedos, pessoas capacitadas para cuidar das crianças (profissionais de saúde), que inclusive há um projeto escrito pelo último diretor do CCSE, que prevê a construção de uma creche, no entanto, o impasse está na disponibilidade de espaço para alocação da creche.

As quatro sujeitas da pesquisa, tanto as três universitárias da UEPA quanto a pedagoga, denunciam a importância de um espaço que acolha as crianças na universidade enquanto as mães estudam, não como um favor, mas como um direito que deve ser garantido pelo poder público, como a implantação de creches ao redor ou dentro das universidades das universidades públicas e privadas, a utilização da brinquedoteca e ou ações com as crianças que são filhas/os de universitárias dentro do campus da UEPA.

No entanto, as dificuldades impostas pela realidade são inúmeras e podem ser sentidas pelo discurso institucional, por meio da fala da coordenadora do curso de pedagogia, que ciente da situação das universitárias que são mães e da existência da brinquedoteca, joga a responsabilidade para a universidade e para as universitárias, numa posição de “neutralidade” e acomodação com relação a pauta das universitárias que são mães. Sobre isso Freire (1996) alerta que:

> Constatando, nos tornamos capazes de intervir na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente a de nos adaptar a ela. É por isso também que não me parece possível nem aceitável a posição ingênua ou, pior, astutamente neutra de quem estuda, seja o físico, o biólogo, o sociólogo, o matemático, ou o pensador da educação. Ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra. Não posso estar no mundo de luvas nas mãos

> constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade (FREIRE, 1996, p. 30, grifos do autor)

Sendo assim, outras estratégias poderiam adotadas no sentido de começar a implantação de um projeto para crianças dentro da brinquedoteca para atender as/os filhas/os das universitárias enquanto elas estão em aula, no sentido do letramento dessas crianças. Além da reforma nos banheiros, com um espaço para trocar bebês, ou até mesmo a implantação de creches nos campi da UEPA, tanto na capital, como na interiorização. E por último fazer valer a Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975, que prevê exercícios domiciliares para as mães que estão grávidas a partir do oitavo mês de gestação.

3 CONCLUSÃO

Para Cordeiro (2013) a maternidade começou a ser exaltada para além dos interesses econômicos devido aos valores iluministas de igualdade e felicidade individual em que Jean-Jacques Rousseau enalteceu a maternidade, tendo grande contribuição na persuasão de mulheres a “aflorar” seus “instintos maternais”, pois numa perspectiva biológica, somente elas poderiam procriar. As ideias rousseaunianas foram muito difundidas e perduram até hoje. O mito construído sobre a maternidade cria a ideia de que todas as mulheres nasceram para serem mães, cheias de amor e fraternidade, seres puros e dóceis para administrar a vida no lar.

Essas ideias se perpetuam até a atualidade e apesar de toda a luta feminista travada ao longo da história para conquistar direitos sociais, civis e sexuais sobre seus corpos, as mulheres têm de estar afirmando o tempo todo o seu espaço e desconstruindo conceitos romantizados que foram criados e vem sendo reforçados nos últimos anos. Por isso a importância de estudos sobre o tema universidade e maternidade como interseccionais, urgentes e necessários, não para que estes estudos se esgotem em si mesmo, mas para que estes estudos tenham rebatimentos na realidade concreta das universitárias que são mães, principalmente num contexto

de desmonte de direitos, voltados para o conservadorismo, restaurando conceitos fundamentalistas no que tange o papel das mulheres na sociedade.

Em pesquisas na internet conseguimos ver reportagens que mostram que algumas universidades públicas do Brasil contam com algum grupo ou rede de apoio as universitárias e mães, como a mães universitárias da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar que contam com o auxílio de bolsas e creche em São Carlos; um grupo de mães universitárias da Universidade Federal de Alagoas que recebem apoio para levar suas/seus filhas/os para a universidade; e estudantes que criaram uma rede de apoio para as mães universitárias dentro das universidades do Rio de Janeiro.

Além dessas reportagens, acessamos um vídeo no YouTube chamado “Vida de Estudante T05 E03 – Mães Universitárias” produzido por estudantes da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP que traz debates acerca vivencias das universitárias que são mães e também o relato institucional. A UFOP conta atualmente com um pré natal e apoio psicológico as mães, a partir de um convenio com especialistas da área de medicina e o centro de saúde, o acesso a Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975 que garante provas e trabalhos em domicilio e a permanência de recebimento de bolsas caso seja bolsista de algum programa da universidade, tem creche de apoio e vila universitária (que não pode ser acessada por pessoas com filhas/os), mas há um debate acerca disso para pensar estratégias, fortalecendo a rede pessoal dessa mãe e a rede institucional também.

Esses são uns dos exemplos possíveis de serem aplicados na UEPA, enquanto uma instituição pública, que tem por obrigação e dever garantir a permanência das mães na universidade. Como possibilidade primeira e imediata, disponibilizar o espaço da brinquedoteca para que as crianças fiquem enquanto as mães estão em aula.

REFERÊNCIAS

Alunas criam rede de apoio para as mães dentro das universidades do RJ. **Portal G1**, Rio de Janeiro, 12 maio 2019. Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/12/alunas-criam-rede-de-apoio-para-maes-dentro-das-universidades-do-rj.ghtml> Acesso em: 03 jul. 2021.

BRASIL. **Lei nº 6.202, de 17 de abril de 1975**. Atribui à estudante em estado de gestação o regime de exercícios domiciliares instituído pelo Decreto-lei nº 1.044 de 1969, e dá outras providencias. DF: Presidência da República, [1975]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1970-1979/L6202.htm> Acesso em: 03 jul. 2021.

CHAUI, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, p. 5-15, 2003.

CORDEIRO, M. S. Mãe: a invenção da história. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10**, Florianópolis, p. 1-12, 2013.

DALLARI, D. A. **Oque é participação política**. 4ª ed, Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Grupo de mães universitárias da UFAL recebem apoio e levam filhos para instituição. **Ministério da Educação**, Brasília, 10 maio 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=75871 Acesso em: 03 jul. 2021.

Mães universitárias superam dificuldades e contam com a ajuda de bolsa e creche em São Carlos. **Portal G1**, São Carlos e Araraquara, 13 mar. 2019. Disponível em: <https://www.google.com/amp/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2019/03/13/maes-relatam-os-desafios-em-equilibrar-maternidade-e-vida-universitaria-em-sao-carlos.ghtml> Acesso em: 03 jul. 2021.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. Petrópolis: vozes, 1978.

SANTOS, L. P. Deficiência e maternidade. *In*: MACHADO, C, J, S,; SANTIOAGO, I. M. L. F.; NUNES, M. L. S. **Gênero e práticas culturais**: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

SILVESTRE, D. L. **Maternidade e vida acadêmica**: um estudo sobre os desafios enfrentados por estudantes universitárias mães do campus da UFPA em castanhal. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

Vida de Estudante T05 E03 – Mães Universitárias, 2017. 1 vídeo (10 min). Publicado pelo canal TV UFOP, Disponível em: <https://youtu.be/LTOJRlu49PA> Acesso em: 03 jul. 2021.